

VIOLÊNCIA E SEXUALIDADE EM A FÚRIA DO CORPO

Janaína Nunes Roque (UEMS)
janaina-carpediem@hotmail.com
Daniel Abrão (UEMS)
danielabrao@uol.com.br

1. Introdução

O livro *A Fúria do Corpo* é uma obra rigorosa que traça o percurso atordoante e cruel de uma história de amor. São dois desocupados. Ele, sem nome, passado ou profissão. Ela, uma prostituta-mendiga. Dois seres que fazem tudo para manter seu caso de amor em meio ao caos urbano. É uma obra dominada por um erotismo sem limite, transbordando inquietação, angústia, sofrimento e beleza.

2. Apresentação da obra

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre em 1946. Realizou o curso de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), porém concluiu seus estudos na Faculdade Notre Dame do Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro, ele trabalhou como *jornalista* e em *São Paulo*, como revisor. Atualmente, além de escritos, é um ativista literário, participando de vários projetos culturais, feiras e eventos literários pelo Brasil. Seu livro *A Fúria do Corpo* é uma de suas principais obras, também umas das mais contundentes de sua carreira, pois além da sexualidade exacerbada, o livro trata do abjeto, do abandono urbano, dos seres à deriva e da violência que permeia todas as relações subjetivas e objetivas das personagens.

Este artigo estuda partes da obra de João Gilberto Noll e suas ligações com a teoria sobre o erotismo colocado por Georges Bataille. O erotismo, por sua vez, com existência paralela e ao mesmo tempo fulcral no livro, é elemento permeado por uma violência natural, como maneira de dar sequência para o descontínuo, enfatizando como o corpo produz e é produto de uma escrita instintiva.

3. Violência na contemporaneidade

Este trabalho estuda partes da obra de João Gilberto Noll e suas ligações com a teoria sobre o erotismo colocado por Georges Bataille como algo da ordem de uma violência natural, como maneira de dar continuidade para o descontínuo, enfatizando como o corpo produz e é produto de uma escrita instintiva. O erotismo na obra de Noll fica evidenciado sempre de forma clara, como um impulso agressivo e violento. Uma das formas de mostrar esse erotismo violento é a sua presença na escatologia, característica muito presente no modo de apresentação pós-moderna, mas que não foge das obras.

Nos textos de João Gilberto Noll, as cenas se repercutem de maneira extremamente realista, aglomeradas das fezes, do sangue ou do esperma que atravessam suas narrativas. A preferência pelo escatológico resulta das narrativas grotescas românticas e passam a tomar conta da narrativa moderna, com o objetivo de criar rótulos menos carregados de idealização. É o que acontece com os poetas malditos, que se colocam a margem dos meios de difusão de cultura com e faz uma escrita o intuito de desfigurar a realidade.

Esses artistas encontravam-se diante de um mundo fragmentado e amontoado de mazelas que se formara a história e só sobrava a ele buscar estes fragmentos e as instáveis sensações daquele momento. Dessa desagração do mundo e das coisas, recupera-se a escatologia, despedaçando o real, assim como a aniquilação do corpo também, sendo também uma forma de derrotar o gosto burguês da sociedade.

O mundo degradado não pode se servir do que ele próprio cria. A linguagem suja exprime o ódio. Mas dá aos amantes no mundo honesto um sentimento próximo àquele que antigamente deram a transgressão e, depois, a profanação. (BATAILLE, 2004, p. 91)

O comentário de Bataille acende no livro a discussão sobre as narrativas humanas presente no livro, pois é exatamente pela existência dos extremos (ódio, abjeto, violência, fome) que certa sensibilidade se aflora, tornando os seres, apesar de inferiores aos olhos da sociedade, superiores ante os próprios olhares. O livro, pois, reivindica certa dignidade da miséria ou a sacralização pelo sofrimento e o horror. Não deixa, portanto, os motes tradicionais da civilização ocidental cristã, que associa salvação a sofrimento, porém no livro vemos esta tensão alimentada por infinitas digressões que deixam mais complexa as relações de tensão, induzindo o leitor a vivenciar em contradições conceituais as contradições sociais ex-

postas com virulência e crueza.

Observamos ainda os trechos abaixo, podemos notar como o erotismo está associado à perdição, á oposição ao repouso e ao bom senso e ao desregramento dos sentidos e do corpo:

O movimento da *carne* excede um limite na ausência da vontade. A *carne* é em nós esse excesso que se opõe à lei da decência. (BATAILLE, 2004, p. 61)

O erotismo é o desequilíbrio no qual o ser coloca a si mesmo em questão, conscientemente. (...). Se for necessário, posso dizer que no erotismo eu me perco. (BATAILLE, 2004, p. 48)

Nos romances de João Gilberto Noll, isso fica muito evidenciado, pois sua escrita quer tirar o modo burguês do centro das atenções, que ainda está muito presente na ideia de senso comum de literatura. Por isso a ideia em escrever cenas com episódios de esperma, sangue, fezes e urina, como podemos ver nos exemplos a seguir:

[...] começo a mijar e vejo um grito vindo de baixo dois leprosos um em cima do outro e eu tava mijando em cima deles o debaixo devia ser mulher porque tinha umas sobras pelancudas onde outrora devia ser o seio; o de cima tinha uma bunda carcomida por crateras e os dois olharam pro meu pau e riram um riso doído e o debaixo que deveria ser mulher pediu que mijasse mais [...]. (NOLL, 1981, p. 52.)

[...] matérias moventes, fétidas e mornas, cujo aspecto aterrador, nas quais a vida fermenta, [...] nas quais fervilham os ovos, os germes e os vermes, estão na origem dessas reações decisivas que chamamos náusea, enjoo, repugnância. (BATAILLE, 2004, p. 86-87)

Abjeto e erotismo se entrelaçam, ainda, pela ideia da violência, que permeia toda a história:

[...] sentimento de uma violência elementar, que anima, não importa quais sejam, os movimentos do erotismo. Essencialmente, o campo do erotismo é o campo da violência, o campo da violação. (BATAILLE, 2004, p. 27).

4. Representação do urbano

A literatura contemporânea está voltada aos meios urbanos, como um reflexo do cotidiano dos grandes centros. Na obra “A fúria do corpo”, temos a personagem Afrodite, com quem compartilha a situação mísera, o corpo, a ausência de esperanças e referenciais. Os dois personagens se entregam a situação em que vivem, perambulando, fazendo jus às palavras do narrador:

[...] aqui a história se inicia e nada mais importa, um homem e uma mulher se reconhecem em plena Atlântica, não termos pouso nem casa não importam, aqui começa o esplendor de uma miséria, seguirmos é só isso. (NOLL, 1981, p. 10)

Os lugares onde percorrem são as ruas do Rio de Janeiro. São moldados pela metrópole e espantados por seu compasso, nela se locomovem e são por ela envolvidos. Nas ruas de Copacabana, em becos e ruas escuras, a cidade – identificada por Baudelaire como inferno, e ao mesmo tempo inspiração, é o lugar onde residem e ao mesmo tempo também sofrem. Mas podemos ligar estes personagens, com o *flâneur*, da Paris do séc. XIX.

Há alguns traços que possuem proximidades; se utilizarmos, algumas palavras de Benjamin, na análise da Paris de Baudelaire: “A rua se torna uma moradia para o *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre as suas quatro paredes”. (BENJAMIN, p. 35.)

Com o desenvolvimento dos centros urbanos, agregada a ideia de um futuro promissor, e desenvolvimento tecnológico, os centros urbanos se transformaram, embora não se ajustando as pessoas que nele moram. Essa arquitetura feroz faz da cidade grandes fragmentos, fragmentando o sujeito que nela vive e também a narrativa contemporânea, que se constrói através de pedaços de vida social e de um sujeito descentrado.

Porém, como proximidade contrapondo ao *flâneur*, dito por Benjamin sobre Baudelaire, temos as personagens de “A fúria do corpo” completamente inferiores a cidade. Ao contrário, a ideia do *flâneur* nos remete a um passante que permanece incólome ao que acontece nas ruas, sendo um observador panorâmico da cidade, embora se envolva emocionalmente com tudo. No livro de Noll, os personagens ora desempenham este desgarramento e liberdade que só a miséria presenteia, mas também em outros momentos são submetidos à lógica cruel da cidade.

5. *Sexualidade*

“A fúria do corpo” mostra abertamente o ritual amoroso entre homens e com a presença de Afrodite, parceira usada para as travessuras sexuais. Afrodite é a figura heterossexual que une os encontros sexuais com o protagonista. Ela está mais para uma figura feminina considerada para servir as aventuras eróticas.

Por um lado, podemos observar o companheirismo do casal e o uso da mulher; e por outro, ele usa das fugas se encontrando em outro lugar, em algumas viagens, mostrando a dispensa do corpo de Afrodite para se atrelar com outros homens, onde são observadas as relações homossexuais. Tanto ele, como Afrodite são perdidos nas experiências com o corpo, são vistos na travessia e, em circunstâncias alheias.

As horas extras acontecem longe da companheira de viagem pelas ruas de do Rio de Janeiro, em Copacabana, onde é revelado as estripulias sexuais do personagem com homens, que acontece nas ruas, dos flagrantes e da fúria do prazer.

[...] o homem veio, pronunciou sons de uma luxúria tão brutal que me aniquilou qualquer outra possibilidade que não fosse aquela ali, o homem não ficou impaciente: gozou, encostou a testa na minha nuca, retirou pouco a pouco o pau da minha bunda, um carinho inegável transportando cada movimento. (NOLL, 1981, p. 94-95).

As ideias de Bataille nos falam da relação interdito e desejo. Quanto maior o interdito, para Bataille, maior o desejo. No caso do livro “A fúria do corpo” o interdito é a condição dos personagens, e a grande procura no livro é por uma sexualidade perdida em meio ao caos.

Com o interdito marcado por violência e miséria os personagens buscam por uma sexualidade perdida, inalcançada, interditada pelo caos urbano.

“O interdito existe para ser violado”. Esta proposição não é, como parece inicialmente, um desafio, mas o enunciado correto de uma relação inevitável entre emoções de sentido contrário.

Sob o poder da emoção negativa, devemos obedecer ao interdito. Nós o violamos se a emoção for positiva. Não é da natureza da violação cometida suprimir a possibilidade e o sentido da emoção oposta: ela chega mesmo a ser sua justificativa e sua origem. Não seríamos atemorizados da mesma maneira pela violência se não soubéssemos, pelo menos se não tivéssemos consciência, obscuramente, que ela poderia nos conduzir ao pior. (BATAILLE, 2004, p.42)

6. Construção dos personagens e da narrativa.

Em A fúria do corpo o leitor assiste o vagar de dois miseráveis pelas ruas de Copacabana, no Rio de Janeiro: um homem, o narrador-personagem, que esconde sua identidade e sua parceira, uma prostituta de rua, com o nome de Afrodite.

Os dois dividem um cotidiano de particularidades envolvendo-se

em peripécias que os rebaixam tanto moralmente quanto fisicamente. Estas são descritas sem pudor pelo narrador-personagem, que harmoniza de maneira desnorteante sua fala entre a crua realidade e o lirismo apaixonado, como o trecho citado abaixo no trecho citado abaixo que descreve o sexo com sua parceira. É uma narrativa na maioria das vezes, feia visto que se refere aos órgãos sexuais e excretores e também aos odores corporais, e que por isso mesmo não deixa de causar no leitor um sentimento de espontaneidade, de exploração exacerbada destas imagens. A narrativa de Noll mostra o corpo em completa destruição e em busca de uma necessidade física. Retrata de maneira clara a respeito da inabilidade emocional num período de urgências, em que tudo gira em torno de bem-estar imediato devido a descrença no futuro. O corpo é o local para onde se volta à fúria do mundo. “(...) eu meto sim sem cerimônia, varo as entranhas dela com meu mais tenso mel, vomito todo meu néctar lá pelo dentro mais impenetrável dela (...)” (NOLL, 1981, p. 11).

O eu em *A fúria do corpo* também é notável pela simbologia presente na narrativa e que estende a imaginação das mensagens. Algumas destas simbologias estão nas imagens ridículas, sagradas e profanas, que aparecem sozinhas ou abraçadas em alguns episódios da narrativa, como o trecho abaixo, claro exemplo do entrelaçamento do ridículo e do sagrado:

[...] pernas abertas, os nervos genitais ainda latejantes, o trapo que a cobre no sono sujo de sangue, a mão que eu tinha enfiado na buceta dela toda lambuzada de sangue na frente do espelho arruinado, minha cara também toda lambuzada, corri a mão pela cara e pelo corpo todo, você disse parece um índio todo pintado na frente do espelho, um índio pronto para o ritual da consagração, eu precisava daquele sangue, meu sangue é teu você disse com as carnes sobre o trapo sujo de sangue, as carnes derramadas sobre o trapo sujo de sangue como a profanação de uma madona quinhentista, eu untando o corpo inteiro do teu sangue [...] (NOLL, 1981, p. 25).

7. Conclusão

Preenchendo sua narrativa com personagens destruídos (mendigos, drogados, prostitutas etc.), Noll nos mostra em *A Fúria do Corpo*, fatos corriqueiros na contemporaneidade: o abandono, a solidão existencial do indivíduo, o sujeito fragmentado no mundo, o individual errante, ou seja, as identidades aceitáveis. No início da obra, o narrador-personagem fala:

O meu nome não. Vivo nas ruas de um tempo onde dar o nome é fornecer suspeita. A quem? Não me queira ingênuo: nome de ninguém não. Me chame

como quiser, fui consagrado a João Evangelista, não que o meu nome seja João, absolutamente, não sei de quando nasci, nada, mas se quiser o meu nome busque na lembrança o que de mais instável lhe ocorrer. O meu nome de hoje poderá não me reconhecer amanhã. Não soldo, portanto, à minha cara um nome preciso. João Evangelista diz que as naves do Fim transportarão não identidades, mas o único corpo impregnado de Um. (NOLL, 1989, p. 09)

Nota-se aqui a vontade de não ter limites, ou se prender a lugares sociais ou pré-fabricados. Os personagens não buscam identidades fixas, com uma essência, mas sim, diante dessa impossibilidade, atravessam tempo e espaço em busca de um sentido comum que traga possibilidades sem medidas, sem características existenciais do cotidiano e reducionistas.

Seu desespero é mostrado na pobreza em que se vive, mendigando e vagando pelo mundo. Como sujeito contemporâneo é alternado da sensação de uma existência necessitada de significados, distante de perspectivas.

Como um indivíduo sem pátria, o homem contemporâneo perde-se nesse enigmático mundo em que os lugares já não oferecem segurança e nem abrigo. Neste mundo disperso em que vive, onde não estabelece raízes, sua identidade nula ocorre, impalpavelmente numa tempestade de imagens e ruídos. Seguindo nesse mundo cruel, encontra a figura da mulher, chamada Afrodite, que mostra a parceria na diluição, a não diferença de sexo, idade, atitudes na fragmentação, o espaço improvável da redenção. O amor aparece como um desejo de encontrar um ao outro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Henrique Roriz Aarestrup. Entre o público e o privado: os andarilhos nas cidades. Disponível em:

<<http://www.anpoll.org.br/revista/index.php/revista/article/view/136/144>>.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Tradução João Bénard da Costa. Lisboa: Moraes, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas II: Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

GARCÍA, Paulo César. Os galanteios homoeróticos na ficção de João Gilberto Noll. Disponível em:

<http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/010/PAULO_GARCIA.pdf>.

Círculo Aluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

JAMESON, Fredric. *Ensayos sobre el posmodernismo*. Comp. Horacio Tarcus. Trad. Esther Pérez y otros. Argentina: Imago Mundi, [1991].

NOLL, João Gilberto. *A fúria do corpo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1981.

ROS, Adrianna Meneguelli da. *A fúria do corpo na contramão do fluxo: a prosa de João Gilberto Noll*. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/EC-AP-7GFGP8/tese_para_encadernar_2010.pdf?sequence=194>.